

## Analizando conto literário na perspectiva da educação estética

Mariléia Silva da Rosa Neves (mestranda, UNIPAMPA)  
Vera Lucia Cardoso Medeiros (UNIPAMPA)

**Resumo:** Tendo em vista que a escola de Educação Básica, na maioria das vezes, concede à disciplina de Literatura carga horária de, no máximo, duas horas semanais, prioriza o ensino das características dos períodos literários e não prioriza análises de textos, este artigo tem por objetivo, a partir de uma perspectiva da Educação Estética, fazer uma análise do conto intitulado “A irmã dele só”, da obra *Uma terra só*, de autoria de Aldyr Schlee. Acredita-se que esta teoria, por se referir ao belo e à arte, por mobilizar sensações e apreciações, permite um trabalho capaz de articular seus conceitos e análise literária ao contexto das aulas de línguas do Ensino Básico, proporcionando reflexões do conto como objeto estético e da participação interativa do leitor com a obra. A intenção, com isto, é desenvolver abordagens estéticas, unindo teoria e prática, a fim de possibilitar um material de consulta para professores que desejam inserir em suas práticas análise literária através de conceitos referentes a essa teoria. Espera-se também que este trabalho de análise possa motivar docentes e discentes ao trato com gêneros literários, bem como desperte a percepção para elementos de ordem subjetiva e social presente na obra indagada.

**Palavras-chave:** Literatura. Conto. Educação Estética. Interação.

**Abstract:** Considering that the school of basic education, most of the time, in addition to work to separate the discipline of Literature over others and a maximum of two hours per week, focuses on characteristics of literary periods and subordinating analysis of texts, this article has by objective, from a perspective of Aesthetic Education, to analyze the tale entitled "His sister only" from the work *A land only*, It is believed that this theory, by referring to the beautiful and art, mobilizes feelings and assessments, allows a job that is able to articulate their concepts and literary analysis to the context of basic education language classes, providing reflections of the tale as an aesthetic object and Interactive reader with the work participation. The intention with this is to try to develop aesthetic approaches, combining theory and practice in order to provide a material of consultation for teachers who want to insert literary analysis in their practices through concepts related to this theory. It is also expected that this analytical work can motivate teachers and students to deal with literary genres and awaken awareness to elements of subjective and social order in this Inquired work.

**Keywords:** Literature. Tale. Aesthetic Education. Interaction.

### 1. Introdução

Este artigo tem por objetivo fazer uma análise do conto intitulado “A irmã dele só”, da obra *Uma terra só*, de autoria de Aldyr Garcia Schlee. A justificativa que motivou esta análise deve-se ao fato de que a escola de Educação Básica, na maioria das vezes, além de trabalhar a disciplina de Literatura separada das demais e em, no máximo, duas horas semanais, foca as aulas na descrição de características dos períodos literários, nos nomes de autores de cada época, na visualização e leitura superficial dos

gêneros literários, secundarizando, assim, análises, interpretação e compreensão, mais completas, de textos da esfera literária, deixando de lado a oportunidade de motivar e despertar o interesse dos alunos para a prática de leituras.

Com o intuito de amenizar tal situação, busca-se auxílio e embasamento para a análise em autores que se preocupam com a educação, a difusão e a análise literária (Vera Tietzmann SILVA, 2010; Carlos REIS, 2003; Antonio CANDIDO, 1998), bem como em autores que defendem um trabalho docente que possibilite um desenvolvimento de abordagens estéticas na escola de Ensino Básico (Pablo René ESTÉVEZ, 2009), que diz que não se deve tratar a obra de arte de forma isolada, uma vez que, para sua leitura completa, é preciso de outros conhecimentos, entre eles culturais, sociais, etc (Mikhail BAKHTIN, 2010) e que, para a análise de uma obra, deve-se levar em consideração forma, material e conteúdo (Georg Wilhelm Friedrich HEGEL, 2004; Mikhail BAKHTIN, 2010 e 2011).

Acredita-se que a Estética, por se referir ao belo e à arte, por mobilizar sensações e apreciações, permite um trabalho capaz de articular seus conceitos e análise literária ao contexto das aulas de línguas do Ensino Básico, proporcionando reflexões do gênero conto como objeto estético e da participação interativa do leitor com a obra.

A intenção deste trabalho é de tentar desenvolver abordagens estéticas, unindo teoria e prática, a fim de possibilitar um material de consulta para professores que desejam inserir em suas práticas análise literária através de conceitos referentes a essa teoria. Espera-se também que esta análise possa motivar docentes e discentes ao trato com gêneros literários, bem como desperte a percepção para elementos de ordem subjetiva e social presente na obra indagada.

Neste sentido, no decorrer do artigo, pretende-se fazer alguns comentários acerca da teoria escolhida, informando, após, a síntese do enredo do conto eleito, bem como a análise dos elementos da narrativa, como personagem, tempo, espaço, narrador, entre outros. Por fim, nas considerações finais, tenciona-se fazer uma breve reflexão sobre a pertinência da leitura estética do texto literário nas aulas de língua, a fim de despertar interesse e sensibilizar o leitor deste trabalho.

## **2. Embasamento teórico**

Nesta etapa do artigo, julga-se necessário pensar sobre o que significa arte e o que é Estética para depois mencionar outros conceitos apontados pelos autores referidos anteriormente.

A arte não tem uma função utilitária, sempre se relaciona com a realidade e se define pela questão da forma, da linguagem (articulação), não sendo apenas conteúdo (assunto). De acordo com alguns autores, o artista não se preocupa somente com o que fazer, mas em fazer algo único, com linguagem diferente. Fazer arte é, então, fazer matéria, dar configuração a um complexo de palavras, sons, cores, etc (HEGEL, 2004; BAKHTIN, 2010). A partir disso, é possível perceber que a obra literária tem vários sentidos; por isso não há preocupação, por parte do autor, para que todos os leitores tenham a mesma interpretação.

Já a Estética mobiliza sensações e apreciações, isto é, através do belo e da arte, o leitor ou observador poderá sensibilizar-se aceitando ou refutando o que lê ou vê. O importante é que a Estética vai mexer com o leitor, tirá-lo da zona de conforto.

Para Bakhtin (2010, p.16), “o conceito de estético não pode ser extraído da obra de arte pela via intuitiva ou empírica”, visto que não se pode tratar da obra de forma isolada. A leitura completa de uma obra de arte, por exemplo, não se faz sem outros conhecimentos (culturais, sociais, etc). O artista precisa de um objeto, o sujeito e o sentimento, para a elaboração de uma obra de arte e, portanto, depende do senso estético do leitor, por exemplo, para saber apreciar a Arte.

No caso deste artigo, a obra analisada é um conto que, por ser uma obra de arte, mexe com a sensibilidade do leitor, possibilita a imaginação. O poético pode ser representado como imagético, porque ele conduz diante dos olhos a efetividade concreta. De acordo com Hegel (2004), o que o poético possibilita ver não é o real, mas um objeto que passa a ter existência como se fosse verdadeiro. A imagem se torna evidente na expressão do artista. Conforme menciona esse autor, “o criar e tornar imagético, são reconciliações na Forma, mesmo se também representada apenas de maneira espiritual, da aparição real” (HEGEL, 2004, p. 27). A partir disso, obtêm-se duas esferas que são a poesia e a prosa. Para Hegel, na prosa (que é o objeto de análise neste artigo), o que é simples é apresentado a partir da inteligibilidade. O conteúdo aparece, mas não como real. Através da linguagem poética, o artista favorece ao leitor sair do plano, interagir, imaginar e se sensibilizar.

De acordo com Reis (2003), escrever literatura é agir esteticamente, o que implica o propósito de configurar um discurso com características específicas e com linguagem técnica que possibilitarão ao leitor reconhecer o texto como literário. Para essa linguagem, fatores de índole histórica, social e cultural são levados em consideração. Esse autor refere-se à informação estética como dimensão qualitativa do discurso literário, algo capaz de fazer “intervir nessa dimensão qualitativa a nossa

memória cultural, os nossos hábitos de leitura e também uma certa atitude avaliativa” (REIS, 2003, p. 159). Essa avaliação pode ocorrer a partir de um efeito de surpresa, de algo inovador ou inesperado com que o público leitor se depara. Quando se fala em avaliar, deve-se pensar em instância receptiva, pois é através desse olhar do leitor que a estética vai se concretizar. Sobre isso, Reis comenta: “o efeito inovador só se concretiza efectivamente quando projectado sobre um receptor e reconhecido por ele, à custa de um grau mais ou menos acentuado de estranheza, perplexidade ou de escândalo” (REIS, 2003, p. 160).

Sendo assim, pode-se dizer que todos esses efeitos estéticos estão envolvidos por aspectos que fazem menção ao material, ao conteúdo e a forma. Tendo em vista que uma obra de arte vai além do material, para a sua compreensão, o leitor também precisa ultrapassar o que diz respeito ao material. Para Bakhtin (2010, p. 22), “é o conteúdo da atividade estética (contemplação) orientada sobre a obra que constitui o objeto de análise”.

No material, segundo Bakhtin (2010), não há atenção aos aspectos subjetivos do autor e do leitor, trata apenas de aspectos concretos. Quanto à forma, seguindo os mesmos preceitos desse autor, esta poderá ser (ou não) concreta, objetiva e palpável.

Para uma análise estética, algumas tarefas devem ser contempladas. São elas, segundo Bakhtin (2010, p. 22): compreender o objeto estético na sua singularidade e estrutura puramente artística; abordar a obra na sua realidade original, puramente cognitiva, e compreender sua estrutura de forma totalmente independente do objeto estético. A obra de arte deve ser compreendida inteiramente, em todos os seus momentos, como um fenômeno da língua (puramente linguístico); compreender a obra exterior, material, como um objeto estético a ser realizado; compreender a composição da obra material. De acordo com o filósofo, o “objeto estético provém da contemplação estética viva do pesquisador” (BAKHTIN, 2010, p. 23).

Esse estudioso defende ainda que “a forma desmaterializa-se e sai dos limites da obra enquanto material organizado só quando se transforma numa expressão da atividade criativa, determinada axiologicamente [conjunto de pensamentos, valores, princípios], de um sujeito esteticamente ativo” (BAKHTIN, 2010, p. 57). Ele aponta também que “é na forma e pela forma que eu canto, narro, represento, por meio da forma eu expressei meu amor, minha certeza, minha adesão”. Sendo assim, seguindo a linha de pensamento desse pesquisador, compreende-se que o leitor também determina e interage com a forma, a qual se refere às palavras, aos sons, ao modo como estão articuladas.

Conforme as palavras do pensador russo, “a unidade de todos os momentos composicionais que realizam a forma e sobretudo a unidade do conjunto verbal da obra, unidade no seu aspecto formal, é baseada não naquilo que se fala ou de que se fala, mas na maneira como se fala” (BAKHTIN, 2010, p. 63).

O autor também menciona que, para entender o significado, a forma e o conteúdo, é preciso que o leitor se aproprie do objeto. Para ele, “a principal tarefa da estética é o estudo do objeto estético na sua singularidade (...): compreender a forma como forma do conteúdo, e o conteúdo como conteúdo da forma, compreender a singularidade e a lei das suas inter-relações” (BAKHTIN, 2010, p. 69).

Para melhor esclarecer, pertencem ao conteúdo elementos éticos e cognitivos, valores, matéria, assunto. No material, está o uso da língua verbal como elemento para a criação artística, isto é, a palavra. Para Hegel (2004), na arte, a expressão linguística deve evitar ao que faz menção ao cotidiano, e a prosa ao discurso científico e religioso. Já a forma transpassa o objeto, refere-se à composição e articulação dos elementos. Por exemplo, o artista elabora um objeto e dá a forma, a qual precisa da recepção do leitor, isto é, o processo criativo envolve o criador e o apreciador.

Segundo Bakhtin (2011),

o autor visa ao conteúdo (tensão vital, ou seja, ético-cognitiva da personagem), enforma-o e o conclui usando para isso um determinado material, no nosso caso verbalizado, subordinando esse material ao designo artístico, isto é, à tarefa de concluir uma dada tensão ético-cognitiva. (BAKHTIN, 2011, p. 177)

Estévez (2009) cita que o conteúdo humano no objeto criado revela a capacidade de criação e o nível de consciência estética, o que significa que esse processo criativo envolve a sensibilidade, a intuição e a imaginação do criador. Esse autor comenta ainda que os valores estéticos advêm de uma relação entre forma e conteúdo e que o belo ocorre de uma inter-relação entre natureza e sociedade, corpo e alma, fazendo com que o mágico se funda com o real.

A partir do que foi discutido até aqui, a seguir será feita uma leitura do conto escolhido da obra *Uma terra só* com a tentativa de relacionar a análise à teoria e vice-versa. A situação vivida pela personagem principal, embora remetendo à melancolia, solidão, desperta a sensibilidade para perceber que a simplicidade, o abandono (a vida sozinha) e o ter de conviver com pessoas que não conhecia se articulam a uma forma narrativa leve, de agradabilidade, que contagiam o leitor, fazendo com que o mesmo se dê conta de que está diante de uma obra literária.

### 3. Análise do conto “A irmã dele só” com base em conceitos da Estética

Este trecho do artigo refere-se à análise do conto “A irmã dele só” da obra intitulada *Uma terra só*, de Aldyr Schlee. Esta obra é composta por quatorze contos e traz na maioria deles alguns indícios do regionalismo. Em alguns dos contos as personagens aparecem identificadas com nome, em outros, apesar de mencionarem vários nomes, esses não dizem respeito ao personagem principal. Da mesma forma está a temporalidade. Em alguns contos o autor atualiza o leitor no tempo, mais necessariamente, no ano em que se passa a história, mas em outros não é possível inferir esta informação. O que o leitor consegue observar é que as histórias narradas remetem ao espaço compreendido entre Brasil e Uruguai, em que a divisa é o rio e a ponte que liga a cidade de Jaguarão e a de Rio Branco. Parece que o título da obra *Uma terra só* diz respeito a um único lugar a um único povo. Conforme início do livro, “aqui há uma terra só, há só uma gente, seja do lado de cá, seja do lado de lá” (p. 7)

No prefácio, o que pode ser observado é que a intenção de Schlee não é de manter apenas a tradição gaúcha, mas a partir dela demonstrar as problemáticas que o homem contemporâneo vive, isto é, parte de um tradicionalismo, com alguma linguagem e/ou característica local, e propõe um estilo renovado e moderno, com concepções trágicas de algumas personagens.

O conto eleito para análise é o primeiro da obra, presente nas páginas de número 13 a 21 e se intitula “A irmã dele só”. O enredo refere-se à história de uma mulher entre 20 e 50 anos que vive sozinha em um rancho muito humilde, com apenas um cômodo, no interior da região local. Ela, cujo nome não é informado, tem um irmão (também sem nome revelado: sabe-se apenas que é um contrabandista) que, apesar de morarem juntos, ele não costuma aparecer muito em casa, isto é, quando sai demora dias, às vezes, semanas para voltar. Esta senhora faz todo o trabalho de dona de casa, cuida dos animais, e em alguns momentos sente-se sozinha, tendo apenas uma vizinha para conversar, a qual demonstra ter interesse apenas em saber sobre a vida do irmão. Em um final de tarde, a mulher (irmã) observa algumas pessoas chegando a cavalo. Ao chegarem mais perto, ela reconhece seu irmão, que chega com uma mulher e um homem. Ninguém os apresenta, comem e, depois de um tempo, o irmão diz que aqueles dois, que chegara com ele, irão passar a noite na casa, dizendo que a mulher era sua companheira e o homem irmão dela. Surpresa e preocupada com o pouco espaço que a casa oferecia, disse que dormiria no galpão para deixar o espaço para o casal, mais necessariamente, as visitas.

Neste conto, há dois elementos que fazem parte da obra: o conflito, que diz respeito à situação vivida pela irmã que vive só no rancho e que, ao receber o irmão que não aparece há dias, precisa conviver com a ideia de oferecer pouso para mais dois convidados do irmão; e a verossimilhança, que faz menção ao sentido/noção/ilusão de realidade de uma família nas condições desses dois irmãos.

Quanto à análise dos elementos da narrativa, pode-se dizer que há dois espaços: o *físico* - local (cenários, objetos) onde ocorre a história/o enredo – em um rancho humilde e pequeno onde há quatro pessoas para jantar e dormir; e o *social e psicológico* – ambiente que envolve as personagens, mais especificamente a dona da casa que se angustia por conta da situação de ter de receber, desprevenidamente, duas pessoas, para ela, desconhecidas.

Já as personagens, as quais são responsáveis pela ação, destacam-se a dona do rancho, irmã do homem que chega com dois convidados, e esses, a princípio, desconhecidos, que se referem à mulher do irmão e ao irmão dela (da visita). Em nenhum momento o autor revela a identidade das personagens. Essas são indicadas por pronomes (ele, ela, dele, dela) e pelos vocábulos homem, mulher, irmã, irmão, e pelas características, em geral físicas, direcionadas a cada uma.

Em relação à temporalidade, percebe-se que a duração da história está envolvida por dois tempos: o *cronológico* - ocorre linearmente - em um dia, mais necessariamente em um final de tarde e parte da noite, momento em que ocorre uma janta e vão dormir; e o *psicológico*, que diz respeito ao desejo/imaginação/lembrança da personagem dona do rancho, quando, a partir das palavras do narrador, revela sobre o tempo passado quando ainda era moça: “um dia beijou o joelho (...) voltava depois para o rancho cansada e feliz, ainda moça” (p. 16); “procurava não ver o que queria, não imaginar coisas, não sonhar, não desejar” (p. 16); “se envergonhava” (p. 16) e “perdia a paciência (...) quando menina, tinha ido a festas (...)” (p. 20); “com medo” (p. 21).

Sobre o narrador, este, na maior parte do texto, está em terceira pessoa do singular: “morava a irmã dele” (p. 15), “ela estava marcando” (16), “o irmão trouxe a mulher à frente” (p. 17). Em outros trechos está em terceira pessoa do plural “comeram, estavam” (p. 18) e, em discurso direto, uma pequena fala do irmão da mulher que vivia no rancho quando informa que os dois visitantes irão pousar no rancho e que a mulher que chegara com ele era sua companheira e o outro irmão dela: “estes vão pousar aqui (...) esta agora é minha mulher (...) este é o irmão dela e meu sócio” (p. 19). Há discurso direto também quando a moradora do rancho se pronuncia dizendo “quem fica no galpão sou eu (...)” (p. 20). Estando o foco narrativo em terceira pessoa, pode-se dizer

que o narrador é onisciente, isto é, conhece todos os fatos e as personagens; conhece as emoções e pensamentos das personagens, revelando, neste conto, que a senhora (personagem principal) tem medo (final do texto).

Além da análise dos elementos da narrativa, a linguagem utilizada por ser diferente de um gênero que não seja literário, por exemplo, leva o leitor a observar que o artista se preocupa em fazer algo único, que o texto analisado é uma obra de arte e que fazer arte é fazer matéria, dar configuração a um complexo de palavras, sons, cores, etc. E, se a intenção da Estética é sensibilizar o leitor, pode-se dizer que o conto mexe com os sentimentos, que a beleza expressa nesta obra encanta quem a lê.

Segundo Hegel (2004), a representação da realidade, os sentimentos (descontentamento, no caso desse conto) são formas presentes em um conteúdo. O conteúdo está representado pelo interior da personagem principal (dona do rancho); esse interior constitui a exterioridade e a objetividade do conto, isto é, a fantasia artística torna o conteúdo poético.

Para Hegel (2004), o conto é uma forma de arte, logo mexe com a sensibilidade do leitor, possibilita a imaginação. O poético pode ser representado como imagético, porque ele conduz diante dos olhos a efetividade concreta. O que o poético possibilita ver não é o real, mas o verossímil, aquilo que se parece com o real. Neste sentido, entende-se que a história dos dois irmãos e a convivência com as outras duas personagens parece ser verdadeira, uma vez que a imagem se torna evidente na expressão do artista.

Essa verossimilhança demonstrada no enredo ocorre por meio da linguagem poética que corresponde a palavras e designações singulares (únicas, significativas, determinantes), posição das palavras e construção dos períodos. A partir disso, é possível observar os níveis fônico, lexical, sintático e semântico (CANDIDO, 1998).

O nível fônico é representado por sons e, neste conto, apresenta rimas a partir da terminação de alguns verbos no segundo parágrafo da página 16 (levantava, mateava, capinava, lavava, etc), também repete algumas expressões, tais como: “uma moça de pernas grossas” quando se refere á moradora do rancho, e “varria, lavava (...) lavava, varria, mateava”. No nível lexical, em que se analisa a linguagem (norma, verbo, substantivo, adjetivo, pontuação, etc), pode-se dizer que, no conto “A irmã dele só”, a norma que prevalece é a culta, embora, em vários momentos, sejam utilizadas formas próprias da linguagem popular; os verbos estão mesclados entre: pretérito perfeito indicando uma ação pontual ocorrida antes da fala (houve, trouxe, comeram, tomaram, desviou, despreendeu, viu, caminhou, foi, deitou, puxou), pretérito imperfeito indicando

uma ação contínua ocorrida antes da fala (estava, chegava, morava, aparecia, perdia, vivia) e presente (é, fica). Predominância de substantivos concretos indicando particularização (mulher, rancho, pinto, galinha, terneira, cavalo, homem). Os abstratos indicam generalização e remetem ao sentimento das personagens (cansada, feliz, prazer, gozo, medo). Há também presença de adjetivos – intenção qualificativa – descrição da mulher que habitava o rancho.

Em relação à pontuação, a predominância é de ponto final indicando pausa, embora também apresente travessão para isolar frases e explicações; ponto de interrogação indicando questionamentos, dúvidas e reflexões; reticências sugerindo reflexão, pensamento ou ideia não finalizada.

No nível sintático, o foco de análise é a estrutura. O conto abordado apresenta frases curtas sugerindo subjetividade e clareza, orações com estrutura normal - sujeito, verbo e predicado: “o irmão voltou com ganas de falar” (p. 19). Embora, em alguns momentos, havendo inversão sintática – predicado, sujeito, verbo –, predomina um paralelismo, isto é, a mesma estrutura sintática. Alguns parágrafos curtos, com poucas linhas (1, 2), outros mais longos, com mais linhas (14, 16).

Quanto ao semântico, em que o sentido prevalece, pode se perceber que há presença de metáforas: “olho de cabrita”, o que remete a alguém curioso; “sulcos no rosto”, indicando sinais de idade, rugas; “sorriso inteiro” (rindo com vontade); entre outras. Há também repetição de palavras: “não ver o que queria, não imaginar coisas, não sonhar, não desejar” (p. 16). Este texto analisado, embora sendo construído com linguagem literária, pouco demonstra ambiguidade, uma das características desse tipo de discurso.

Este conto, através do jogo de palavras, possibilita ao leitor perceber uma referência a algumas características da cultura gaúcha, à vida no interior, na roça, às dificuldades vividas por pessoas humildes que vivem em localidades distantes da cidade, à solidão. Enfim, as informações expressas através das palavras remetem à ideia de falta de dinheiro, pobreza, solidão, abandono, bem como à solidariedade e à preocupação em oferecer o que tem de melhor, isto é, o melhor conforto possível para as visitas. Esse respeito também é característica das pessoas humildes do interior, onde, normalmente, não perpetua o egoísmo.

Enfim, sobre níveis de análise, Reis (2003, p. 148) faz outras alusões. Para ele, podem ser reconhecidos, empiricamente, alguns signos literários, a partir de três níveis fundamentais, conhecidos também como “categorias literárias investidas de funções sógnica”. O primeiro nível, chamado de signo-objeto, é de reestruturação fônico-

linguística, na qual se encontram rima, ritmo, metro. No segundo, intitulado signos literários, encontram-se categorias literárias responsáveis pela semântica. Fazem parte desse, personagem, espaço e algumas figuras de linguagem, entre elas, a metáfora, e organização sintática. No terceiro nível, o foco é mais amplo e pode considerar como signo literário a obra inteira.

Sendo assim, se a análise dos níveis for embasada em Reis (2003), no primeiro nível, o conto apresenta vários ritmos, que ocorrem pela terminação de alguns verbos (conforme pode ser observado no segundo parágrafo do conto, página 15). No segundo nível, o sentido percebido ocorre através da situação vivida pelas quatro personagens (cinco contando com a vizinha da dona do rancho), pelo espaço em que se desenrolam as ações (rancho e seu pátio) e pelas metáforas apresentadas, por exemplo, as que descrevem a irmã que vivia só (velha, com “sulcos” na cara). Por fim, seria a análise completa da obra, a qual remete ao tema (vida de dois irmãos que não tinham mais pais e que habitavam um rancho humilde e distante da cidade), à intenção do autor (possibilitar ao leitor o contato com informações que dizem respeito à vida no campo, com características que remetem ao tradicionalismo – cavalo, rancho, carneira, etc) e ao universo ficcional (todos os aspectos de tempo, espaço, personagens, etc), envolvendo, a partir disso, questões sociais e ideológicas.

Sendo assim, volta-se a questão dos elementos que se referem à Estética: forma, material e conteúdo. Sobre isso, é possível dizer que a forma é um conto, cujo gênero predominante adotado é a prosa; o material é a linguagem utilizada que, embora o vocabulário sendo simples, há uma diferenciação em relação ao uso da linguagem em outros textos (como jornalístico, científico, etc), porque chama a atenção e desperta a imaginação do leitor por sua construção poética, ora com períodos longos, ora curtos. Já o conteúdo diz respeito à descrição do ambiente onde estão as personagens, por exemplo: rancho simples “caiado de branco, sempre varrido em volta” (p. 15); e ao tempo, que se refere a uma tardinha (final de tarde e início de noite): “De fato, era o irmão que chegava. Vinha como quase sempre, no anoitecer” (p. 16) (...) Escurecera de todo” (p. 17).

Somado a isso, Hegel (2004) defende que a representação e o sentimento são formas específicas no conteúdo de uma obra de arte, o que permite entender que o conto analisado representa, através das palavras, o cotidiano de uma dupla de irmãos vivendo uma vida miserável e, de certo modo, solitária, características que podem ser inferidas a partir dos sentimentos demonstrados, principalmente, pela personagem principal, através das palavras do narrador.

Este autor também deixa evidente que o conteúdo de uma obra de arte deve ter uma unidade em si mesmo, isto é, ser autônomo e estar pronto e acabado (HEGEL, 2004, p. 30). Este conceito pode ser observado no conto analisado, pois o significado expresso é único e possibilita ao leitor compreender seu início, meio e fim, isto é, entender todos os acontecimentos da história narrada durante o tempo em que ocorrem, não havendo necessidade de sair para o extralinguístico em busca da interpretação.

Ainda em relação à forma composicional, segundo Bakhtin (2010, p. 24), “cada momento e todo o conjunto estão voltados para um fim, realizam algo, servem algo”. O conto, por exemplo, é uma forma de gênero composicional. A composição da obra analisada é feita por palavras que se distribuem em parágrafos longos e curtos, com linguagem simples, mas que, ao contar a história de dois irmãos, utilizando figuras de linguagem e descrições físicas e emocionais, levam o leitor a perceber que não se trata de um texto comum, mas de uma arte elaborada por um autor que, possivelmente, a partir de sua ideologia, incluiu seus conhecimentos de mundo, sua apreciação e valorização.

Conforme menciona Bakhtin (2010, p. 40), “a análise estética deve revelar a composição do conteúdo”, pois

numa obra poética, as palavras organizam-se, por um lado, no conjunto das orações, do período, do capítulo, do ato, etc., e por outro, constroem o conjunto da aparência do herói, de seu caráter, de sua situação, de seu ambiente, de sua conduta, etc., e, enfim, o conjunto do evento ético da vida, esteticamente formulado e acabado; com isso deixam de ser palavras, proposições, estrofes, capítulos, etc. O processo de realização do objeto estético, ou melhor, da tarefa artística na sua essência, é um processo de transformação sistemática de um conjunto verbal, compreendido linguística e composicionalmente, no todo arquitetônico de um evento esteticamente acabado; naturalmente, todas as ligações e inter-relações verbais de ordem linguística e composicional transformam-se em relações arquitetônicas extraverbais. (BAKHTIN, 2010, p. 51)

Embora as palavras remetam a objetos reais (personagens como seres humanos, casa, cavalos), o artista utiliza somente palavras. De acordo com Bakhtin (2010, p. 52), “o artista só lida com palavras, pois apenas elas são algo definido e indiscutivelmente presente na obra”. O autor diz ainda que, para o artista e para o contemplador, “não é a forma linguística que penetra, mas a sua significação axiológica” (BAKHTIN, 2010, p. 53), incluindo, assim, pensamentos e valores morais. Esses objetos são elementos formalizados no conteúdo. Já a transformação da relação arquitetônica extraverbal remete à verossimilhança do enredo, uma vez que representa uma realidade que pode ser vivida por pessoas reais e não somente por personagens fictícios.

Retomando os elementos que constituem a Estética, conclui-se que a forma é a maneira como o artista apresenta sua obra de arte, e o conteúdo é o seu significado/tema transmitido pela forma; por isso conteúdo e forma se relacionam. Dito de outra maneira,

a forma é a organização do material, sua composição é a estética, e a formação estilística do texto é representada pelas figuras de linguagem. Sendo a matéria a linguagem e o conteúdo o significado, a leitura estética deve ser uma leitura crítica, em que o leitor saiba posicionar-se diante da obra. A partir dessa reflexão, é possível entender que a função social de um texto literário é a de movimentar o comportamento do leitor, fazendo com que seu paradigma físico e espiritual, sua personalidade e seus conhecimentos universais se unam harmonicamente para promover a sabedoria em relação a sua vida social e individual. Esse mesmo movimento ocorre com o artista ao elaborar a Arte.

Quando o artista produz uma obra, usa de sua ideologia (crenças e valores), a qual colabora para a constituição do conteúdo da obra de arte. Sendo a forma da obra de arte o reflexo da espiritualidade de cada artista, ocorrendo de acordo com suas experiências sociais e culturais, pode-se dizer que tais características estéticas remetem ao estilo. Já a experiência estética influencia a percepção e juízo de valor do leitor/observador em relação à obra de arte, uma vez que contemplar a Arte é, a partir da espiritualidade do leitor, apreciar positiva ou negativamente a obra lida e/ou observada. Sendo assim, espera-se, ao trabalhar a Estética em sala de aula, possibilitar aos alunos essa percepção sobre o que é uma obra de arte, quais características esse tipo de texto apresenta, como se deve proceder para promover uma valoração e o que envolve para isso. Acredita-se que, no momento em que o discente se der conta de que a forma mexe com os sentidos do leitor (e for tocado por isso) e que está associada à materialidade, remetendo ao conteúdo (significado), se tornará mais sensível e crítico.

Para complementar as discussões realizadas até o momento, serão explanadas, na sequência, algumas sugestões de questões que podem ser trabalhadas com os alunos em sala de aula de língua/literatura objetivando um trabalho pedagógico embasado na Estética, bem como auxiliando a reflexão sobre o contexto de produção e de circulação do gênero conto:

1. Você já conhecia este texto? Já leu outros textos com estilo semelhante? Indique algum(uns).
2. Estes textos, assim como outros, possuem elementos discursivos característicos e específicos, isto é, trazem uma linguagem e uma estrutura específicas, buscando promover sentidos. Sendo assim, é possível entender que dependendo dos recursos discursivos utilizados, o texto poderá referir-se a um (ou outro) gênero, que pode ser: reportagem, propaganda, romance, poema, conto, receita,

- dentre outros tantos. Após a leitura dos textos e da observação de sua estrutura, a qual gênero pode-se dizer que ele pertence? Justifique.
3. Quem (certamente ou possivelmente) escreveu o texto?
  4. Quando (em que momento/época) foi escrito este texto?
  5. Qual é o tema abordado por este texto? O assunto é conhecido? Este conteúdo temático é atual ou antigo? É importante (ou não) discutir sobre este assunto? Explique.
  6. Você já discutiu com alguém sobre esse tema? Você considera pertinente refletir sobre isso? Por quê?
  7. Você acha que este texto foi escrito para algum leitor específico? Para qual público você acredita que este texto foi escrito?
  8. Qual era, e qual é hoje, o perfil do sujeito leitor deste tipo de texto? Será que mudou com o tempo?
  9. Esferas de circulação podem ser: jornalística, política, acadêmica, escolar, cotidiana, literária, publicitária, etc. A partir disso, a qual esfera de circulação você entende que pertence este gênero?
  10. Como pode ser percebido, o texto tem um título. O que esse título sugere para o leitor?
  11. Tendo em vista que já foram trabalhados em aula os períodos literários, isto é, discutido sobre o Modernismo, época em que o conto foi elaborado, diga qual(is) é(são) a(s) característica(s) desse período presente(s) com mais ênfase no texto analisado.
  12. As pessoas são constituídas ideologicamente, logo, cada indivíduo possui posicionamentos que envolvem culturas, conhecimentos, crenças, valores, etc, no momento de se expressarem tanto na escrita quanto na oralidade, e também enquanto leitores. Sendo assim, há neste texto posicionamento ideológico por parte do autor e por parte de quem os lê. O que você compreende do texto? Quais terminologias/informações do texto reportam a essa ideia?
  13. A linguagem poética, normalmente, mexe com o raciocínio e/ou imaginário do leitor e, muitas vezes mobiliza valores subjetivos, consciente ou inconscientemente. Até que ponto a ideologia presente neste texto vai ao encontro das ideologias de cada sujeito/leitor?
  14. Como já foi discutido, os discursos utilizados neste texto indicam que ele pertence ao gênero conto. Os contos, em geral, são constituídos por estruturas

- formais semelhantes. Sendo esse texto composto por palavras, frases, elementos gramaticais, sonoridade, rimas, entre outras, informe:
- a. se há versos ou parágrafos;
  - b. se existem: rimas e/ou sonoridade; repetição de vogais (assonância) e/ou consoantes (aliteração); repetições de palavras (anáfora) no meio das frases, períodos ou parágrafos;
  - c. qual(is) tempo(s) verbal(is) prevalece(m) neste conto e o que isso significa(m);
  - d. se há ou não pontuação no texto e o que isso sugere;
  - e. por fim, explique o que essas características identificadas nas letras a, b, c, d, influenciam na leitura do texto e/ou significado (global e/ou parcial).
15. Tendo em vista que você já estudou análise sintática, diga se existe, no texto lido, a mesma construção sintática (paralelismo) nas orações (por exemplo, substantivo, verbo, complemento), mostrando exemplo(s). Diga também se há inversão sintática, exemplificando com trechos retirados do conto, e o que esse recurso linguístico e estrutural sugere no texto lido.
16. Para trabalhar a Estética, a leitura deve ser crítica. Diga, então, qual é a função social de um texto literário.
17. Qual é a finalidade deste texto em sua opinião? Justifique.
18. As marcas linguísticas apresentadas neste conto são próprias da linguagem formal ou são mais informais? Explique e exemplifique com trechos retirados do texto.
19. Que efeito de sentido é produzido com a mescla dessas duas linguagens?
20. Ao associar, na escrita, o uso de palavras que remetem à linguagem do dia-a-dia (coloquial) na língua materna, e à norma padrão, considerada a única modalidade correta pelos tradicionais, o texto traz a ideia de liberdade de expressão. Concorda com tal afirmação ou discorda? Justifique.
21. Como você deve ter percebido, o autor escolhe/seleciona as palavras para utilizá-las em seu texto para se referir às personagens, ao tempo, ao espaço, etc. Cite-as de acordo com cada elemento ao qual faz menção e diga se essas palavras possuem conotação positiva ou negativa, justificando sua resposta.
22. Tendo em vista que a forma composicional é estética, remetendo ao belo, e que a formação estilística do texto (figuras de linguagem) apresenta várias metáforas,

informe se o trabalho formal é menos (ou mais) elaborado neste texto do que em outros. Argumente sua resposta.

23. Existe, no conto lido, algum conflito social, psicológico ou de outra natureza? Explique.

24. Existe, na obra lida, algum apelo emocional? Justifique sua resposta.

25. Este conto aborda (ou não) ironia? Explique.

26. A qual(is) ideia(s) remete o conteúdo (mensagem) deste conto?

Para o fechamento deste artigo, passa-se, a seguir, às considerações finais, com a tentativa de ampliar ainda mais a reflexão sobre a importância de fomentar discussões sobre a Educação Estética nas aulas de línguas.

#### **4. Considerações finais**

Tendo em vista que a Estética pode ser pertinente para refletir sobre textos literários, acredita-se que possibilitar ao estudante utilizar esta teoria para compreender uma obra literária significa: mexer com a sensibilidade do leitor; desenvolver o senso crítico, a partir de seus conhecimentos sociais e culturais e da ampliação e aprimoramento desses; contribuir para a formação integral e identificação cultural de cada indivíduo; ampliar os horizontes do conhecimento estético; aprimorar os conhecimentos sobre forma e conteúdo através dos níveis fônico, lexical, sintático e semântico.

Para Estévez (2009, p. 41), “o valor estético se dá unicamente na inter-relação sujeito-objeto (...) é o resultado de uma valoração (pelo sujeito) das qualidades do objeto, e, por conseguinte, não existe sem a presença do sujeito da valoração”. Neste sentido, é possível entender que, sendo o conto uma obra de arte, sua valoração é realizada pelo leitor, o qual, a partir de sua ideologia, se define como sujeito e interage com o objeto. Por esse motivo, julga-se importante fomentar discussões sobre textos literários embasados na Estética, a qual possibilita a promoção de conscientização sobre o belo e o cuidado com a natureza para mantê-la viva e com sua beleza natural.

O autor comenta ainda que o fato do homem se constituir como ser biológico, psíquico e social, não deve excluir seu lado afetivo, intuitivo e imaginário, os quais contribuem para a apreciação do belo, da Estética. Esse pesquisador defende também a ideia de conscientizar o ser humano para a preservação da natureza, promovendo, com isso, a formação cultural e social do indivíduo, o que implica na “sustentabilidade estética como princípio fundamental do desenvolvimento humano” (ESTÉVEZ, 2009, p. 72). Isso significa que, se o indivíduo preservar a natureza estará, automaticamente,

defendendo sua sobrevivência e conscientizando-se sobre a importância da Arte na Educação Estética.

Para trabalhar a Estética em sala de aula, deve-se, segundo esse pesquisador, pensar em qualidade na educação, fazer reajustes periodicamente e estabelecer um equilíbrio entre criatividade e conhecimento, estimulando desta maneira a ação. Além de refletir a respeito da práxis estético-educativa, é necessário dar-se conta de que os valores estéticos fazem parte de todas as relações que o homem estabelece com a natureza, com outros homens e com a sociedade em geral. Neste contexto, pensar a Estética na educação é, segundo Estévez (2009), considerar não apenas um paradigma físico, material, mas um paradigma espiritual (personalidade, conhecimento, pensamento e criação), uma vez que, dessa forma, o indivíduo torna-se completo, criador de suas próprias ações. Para isso, torna-se importante proporcionar a formação de interesses culturais e o estímulo à criatividade e ao desejo de auto-aperfeiçoamento do indivíduo.

Esse autor defende ainda que a formação de personalidade e criatividade, na atualidade, é de grande importância, visto que ela é fundamental para a renovação científico-técnica, a qual exige mentes capazes de gerar, aplicar e produzir novos conhecimentos. Logo, para colocar isso em prática, o trabalho com a Estética em sala de aula tende a ser uma proposta positiva. Para Estévez (2009), deve-se trabalhar a Educação Estética na escola como um recurso para a formação de personalidades criativas, uma vez que a visão estética, na prática pedagógica, mexe com a personalidade, possibilitando a auto-educação estética. Neste sentido, o autor sugere unir o ético e o estético, propiciando educação e prazer ao mesmo tempo, implementando, como projeto escolar, a aplicação de métodos apropriados e a (re)educação do professor. Para isso, deve-se levar em conta o espiritual (subjetivo) e o material.

Para a autora Silva (2010), as aulas de literatura devem ser um aprendizado. Para esta pesquisadora, ler literatura é

exercitar-se no difícil aprendizado democrático, pois força o leitor a entrar na pele dos personagens, sentir emoções diferentes, arrostar inúmeros perigos, conhecer diferentes paisagens, agir e reagir em conformidade com diversos perfis psicológicos (...), é conviver com a diversidade, é respeitar o outro, é ser capaz de assumir outros ângulos de visão. (SILVA, 2010, p. 47)

Ela aponta ainda que a linguagem literária é sutil: treinar um olhar crítico pela via da ficção é conhecer mais a fundo a natureza humana, um aprendizado essencial para cada indivíduo.

Considera-se relevante e espera-se também que os alunos, enquanto leitores e apreciadores, compreendam que a linguagem do conto analisado é trabalhada de forma simples, pois o autor não cria novos vocabulários, e que é a combinação das palavras e frases, no sentido literal, que torna o texto literário (uma obra de arte), possibilitando múltiplos sentidos. É fundamental também que os estudantes entendam que o que chamar mais a atenção do leitor na obra é que tornará o objeto estético. Os aspectos que exemplificam isso poderão ser: o tempo, o espaço, a(s) personagem(ns), as lacunas a serem preenchidas, os implícitos, etc. enfim, será o como se organizam, de maneira articulada, os elementos da forma (matéria) e do conteúdo (mensagem), é que vão possibilitar o entendimento do texto como literário e sua estética.

Sendo assim, deseja-se que a análise e a reflexão apresentadas neste artigo sirvam para fazer com que docentes e discentes percebam o quanto a forma, o material e o conteúdo contribuem para sensibilizar o leitor. É importante também entenderem que os elementos linguísticos e a maneira como aparecem possibilitam a compreensão do enredo, dos elementos da narrativa e levam o leitor a (inter)agir, criticamente, com o texto na busca de seu sentido plural (mas não infinito).

### **Referências Bibliográficas**

CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. A teoria do romance. 6.ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2011.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

ESTÉVEZ, Pablo René. *A alternativa estética na educação*. Rio Grande: Editora da Furg, 2009.

HEGEL, G.W.F. *Cursos de estética*. Volume IV. São Paulo: EDUSP, 2004.

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. 1ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

SCHLEE, Aldyr Garcia. *Uma terra só*. 2ª ed. Porto Alegre: Ardotempo, 2011.

SILVA, Vera Tietzmann. *Leitura literária e outras leituras*. Impasses e alternativas no trabalho do professor. Belo Horizonte: RHJ, 2010.